

O FOLCLORE GAÚCHO DO BRASIL

CARLOS GALVÃO KREBS

Diretor do Instituto de Tradições e Folclore
da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul

Quem fala em gaúcho pensa logo nas bombachas, em bota e esporas. A indumentária gaúcha ressalta porque em todo o Brasil só existem três trajes típicos: o da baiana, o do vaqueiro e o do gaúcho.

Em fins do século XVII Portugal funda a Colônia do Sacramento (atua' cidade de Colônia, na República Oriental do Uruguai) para quadrar-se desafiadora frente à Buenos Aires castelhana, velho de cem anos. Foi o início de uma longa e cruenta luta pela posse da boca do Rio da Prata, de enorme importância estratégica e econômica.

Então não se poderia antecipar que o atual Estado do Rio Grande do Sul, junto com o Uruguai e a Argentina de hoje, seriam o berço onde nasceria pouco depois um tipo de homem cavaleiro perfeitamente caracterizado: o gaúcho.

Portugal e Espanha faziam recair sobre suas colônias o tremendo peso dos estancos e dos monopólios. Daí surgiu o não menos grande contrabando nos dois povos e que encontrou o seu mais franco paraíso precisamente no estuário do Prata. Tanto foi assim que Espanha, numa vã tentativa de pelo menos controlá-lo, fundou a cidade de Montevideu ao terminar o primeiro quartel do século XVIII.

Para apoiar a infortunada Colônia do Sacramento, que tantas vezes passou das mãos portuguesas para as do castelhano e vice-versa, os portugueses construíram um forte na desembocadura da Lagôa dos Patos com o Atlântico (1737). Isso é o nascimento oficial do Rio Grande do Sul. Tal fortaleza, chamada então Presídio de Jesus-Maria-José, é até hoje o único porto de mar com que conta o Estado, a nossa cidade de Rio Grande.

A extensa zona mediterrânea entre esse ponto e Montevideu, cheia de gado vacum e cavalos de origem européia, torna-se terra de ninguém, donde cavaleiros semi-bárbaros, muitas vezes mestiços de branco e índio, extraem os couros de vacas e touros, além do sebo, para oferecer aos abonados contrabandistas da costa, que os negociam com os navios provindos da Europa.

Sem pouso certo, esse tipo recente de "changador" vê engrossar seu número com os desertores espanhóis e portugueses, com os criminosos e os "fora-da-lei". Tal atividade predatória chega ao auge lá por volta de 1750. Pouco a pouco se vão extinguindo as anteriormente incontáveis vacarias. E os changadores, também chamados "gaudérios", passam a roubar o gado já costeado, das incipientes estâncias de criação. Com indiferença servem a portugueses e espanhóis desde que prossiga o contrabando, perfeitamente tolerado do ponto de vista social, menos pelos prejudicados diretos e, como é óbvio, pelas autoridades fiscais das duas coroas.

A palavra "gaúcho" aparece escrita pela primeira vez em documento português de 1787. Três anos depois, em língua castelhana. Mas sempre com sentido pejorativo, de vagabundo, ladrão de gado, contrabandista, ou "cuatrero", como se diz no linguajar crioulo do Prata.

É desse tipo que, direta ou indiretamente, brotou o gaúcho da atualidade. Bem mais um produto econômico, social portanto, do que resultado de mistura étnica.

Da cultura européia herdou muita coisa, como a língua, o boi e o cavalo. Do indígena recebeu um legado ponderável, como as boleadeiras (já em desuso), o laço, o mate, por exemplo, estes últimos ainda vigentes.

Com o rolar dos anos o gaúcho ia polindo suas arestas e refinando suas qualidades. Quando irrompe no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha (1835-1845), o tipo estava perfeito

acabado. Varonilidade, coragem física e moral, respeito à palavra, à família, ao fraco e ao vencido, hospitalidade, elegante desapego aos bens materiais e aquela galhardia de gestos em que não fica mal uma pitada de arrogância e de fanfarronice. Esse o seu retrato.

Só depois do decênio farroupilha a palavra "gaúcho" perde a primeira significação depreciativa. Hoje possui dois sentidos. Um restrito, para designar o homem do campo, hábil cavaleiro e bom conhecedor das atividades pastoris. Outro, como adjetivo gentílico, indicando as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Mas seria tempo perdido procurarmos a etimologia deste curioso trissílabo: existem pelo menos trinta e cinco hipóteses. Poucas com remota possibilidade, só algumas com probabilidade e nenhuma com certeza.

Se o gaúcho é homem "de a cavalo", de cultura predominantemente portuguesa como todo o Brasil, é compreensível que o seu folclore fundamental gire em torno do boi e do cavalo, e que se expresse em língua portuguesa. Mas ninguém se perturbe ao surpreender palavras e expressões acastelhanadas no linguajar gauchesco. O Rio Grande do Sul pertence inequivocamente à cultura brasileira. Mas não pode fugir a outra realidade incontestável: faz parte, também, da "provincia folclórica" pampeana, que compreende, dentro de seu largo horizonte, o gaúcho do Rio Grande do Sul, o do Uruguai e o da Argentina. Daí derive a comunidade do linguajar campeiro, da criação de gado, sensivelmente o mesmo nos três países. Ademais, praticamente temos fronteira seca com essas duas nações irmãs. Seria tolo, além de impossível, evitar uma natural interação, uma como que exosmose e endosmose entre duas culturas justapostas, a brasileira e a castelhana.

A indumentária atual do gaúcho é a bombacha, botas, esporas, guaiaca (cinto largo, com bolsos), casaco e camisa comuns, lenço de seda ao pescoço e chapéu de feltro, de aba larga, preso ao queixo pelo barbicho. Os complementos são o pala retan

gular, com abertura no centro para enfiar pela cabeça, faca à cintura (indispensável instrumento de trabalho) e o revólver. Sua arma branca específica para luta se chama adaga, sem copo mas com cruzeta.

A mulher gaúcha, como aconteceu na Argentina e no Uruguai, não conservou nenhum traje tradicional. As moças que vemos bailando as nossas danças folclóricas tiveram necessidade de criar uma estilização para acompanhar a indumentária masculina.

Nossa música folclórica se distingue da do resto do Brasil por um fato curioso. A viola e seu sucessor, o violão, aqui foi também o instrumento folclórico por excelência, como até hoje acontece nos demais Estados da federação brasileira. No extremo Sul, porém, surgiu a gaita de fole (sanfona em outras regiões do país) após a primeira metade do século passado. E desbancou o violão, tomando-lhe o primeiro posto. Daí porque nossa música é caracteristicamente inspirada na gaita, com acordes de terças superpostas que se resolvem num acorde de quinta justa. Basta ouvirmos o "Boi Barroso", nossa mais antiga canção, ou "Prenda Minha", talvez a mais bela, para sentirmos com clareza que a linha melódica provém diretamente do teclado da "cordeona", como também aqui chamamos à gaita.

A quase totalidade das danças folclóricas do Rio Grande do Sul tem origem portuguesa, como por exemplo o "Pezinho", a "Chimarrita", a "Cana Verde". Uma é de procedência espanhola, via Rio da Prata: a "Tirana". E outra, de origem desconhecida até o momento, é a "Chula"; nossa única dança de desafio, só para homens, equivalente ao "Malambo" platino.

As trovas de porfia, menos brilhantes que as do nordeste brasileiro, são tradicionais no Rio Grande do Sul, cantadas ao som da gaita, geralmente.

As quadrinhas populares, bem como o rifoneiro gaúcho do Brasil, são majoritariamente portugueses. E quando dizemos "portugês", sempre vai implícito nessa idéia o caminho das ilhas

gular, com abertura no centro para enfiar pela cabeça, faca à cintura (indispensável instrumento de trabalho) e o revólver. Sua arma branca específica para luta se chama adaga, sem copo mas com cruzeta.

A mulher gaúcha, como aconteceu na Argentina e no Uruguai, não conservou nenhum traje tradicional. As moças que vemos bailando as nossas danças folclóricas tiveram necessidade de criar uma estilização para acompanhar a indumentária masculina.

Nossa música folclórica se distingue da do resto do Brasil por um fato curioso. A viola e seu sucessor, o violão, aqui foi também o instrumento folclórico por excelência, como até hoje acontece nos demais Estados da federação brasileira. No extremo Sul, porém, surgiu a gaita de fole (sanfona em outras regiões do país) após a primeira metade do século passado. E desbancou o violão, tomando-lhe o primeiro posto. Daí porque nossa música é caracteristicamente inspirada na gaita, com acordes de terças superpostas que se resolvem num acorde de quinta justa. Basta ouvirmos o "Boi Barroso", nossa mais antiga canção, ou "Prenda Minha", talvez a mais bela, para sentirmos com clareza que a linha melódica provém diretamente do teclado da "cordeona", como também aqui chamamos à gaita.

A quase totalidade das danças folclóricas do Rio Grande do Sul tem origem portuguesa, como por exemplo o "Pezinho", a "Chimarrita", a "Cana Verde". Uma é de procedência espanhola, via Rio da Prata: a "Tirana". E outra, de origem desconhecida até o momento, é a "Chula"; nossa única dança de desafio, só para homens, equivalente ao "Malambo" platino.

As trovas de porfia, menos brilhantes que as do nordeste brasileiro, são tradicionais no Rio Grande do Sul, cantadas ao som da gaita, geralmente.

As quadrinhas populares, bem como o rifoneiro gaúcho do Brasil, são majoritariamente portugueses. E quando dizemos "portugês", sempre vai implícito nessa idéia o caminho das ilhas

atlânticas dos Açores, donde o Rio Grande do Sul recebeu importante coudal humano.

Nosso folclore culinário não está pesquisado suficientemente. Entretanto, a quem vive longe ou chega de fora, dois petiscos regionais chamam logo a atenção. Um é o indefectível churrasco, carne assada ao calor das brasas, condimentada simplesmente com sal puro ou em solução com água, a salmoura. Há várias maneiras de assar ao gosto gaúcho. Antes o churrasco era assado sobre as brasas diretamente, reservando-se o nome de assado para a técnica do espêto. Na atualidade, porém, a voz churrasco é genérica, mesmo porque ninguém mais assa carne diretamente em cima das brasas. Também está abandonado o assado com couro, técnica mediante a qual se assa a carne juntamente com o couro da rês, ao espêto ou à grelha. Muitas vezes este assado era servido frio.

O outro prato gaúcho a que nos referimos é o arroz-de-carreteiro, um guisado de charque cozido juntamente com arroz na mesma panela. Antes de cortar o charque é preciso deixá-lo de molho "para tirar a fôrça do sal".

Além do "puchero", forma grúcha do tradicional fervido brasileiro, e do mocotó, espécie semelhante à panelada pernambucana, o churrasco e o arroz-de-carreteiro são os nossos dois pratos mais populares.

Quanto à doçaria, é famosa a cidade de Pelotas. Sobre esta sua especialidade ^(com prefácio de Athos Douradeno Perreira.) existe uma obra publicada há pouco pela Editora Globo, desta Capital, inclusive com receitas: "Doces de Pelotas".

No que toca ao lendário, o Rio Grande do Sul prossegue contando várias lendas universais, como a do lobisomem, o licântropo grego do V século antes de Cristo, algumas indígenas, com área de dispersão abrangendo todo o país, tal a do boitatá, já registrada em 1560 na Bahia pelo Padre José de Anchieta, algumas estritamente locais, como a de Imembuí, e uma outra maravilhosa, oriunda do próprio Rio Grande do Sul e que é também

nossa única, a nossa grande lenda genuinamente gaúcha: o Negrinho do Pastoreio. É um sopro de piedade humana aureolando um pretinho escravo e desgraçado. Esta lenda foi estilizada, de maneira insuperável, por Simões Lopes Neto (diga-se de passagem, o maior contista regional do extremo Sul) em "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", recentemente reeditados pela citada Editora Globo.

Como objetos típicos do Rio Grande do Sul e de fácil aquisição nesta Capital, indicam-se facas, cuias e bombas para chimerrão. As bombas, e também os cabos e bainhas das facas, bem como o bocal das cuias, podem ser trabalhados em metal branco estampado ou em prata, ou ainda em prata e ouro lavrado a mão. Neste último caso ganham não só em valor intrínseco, mas como valor de artesanato tradicional. Peças de uso comum e de tamanho natural, como também miniaturas interessantes, encontram-se com facilidade nas joalherias e mesmo tabacarias de Porto Alegre. Inclusive em forma de pregadores, pulseiras e abotoaduras. Observe-se que as boleadeiras aqui vendidas raríssimamente são autênticas.

Antes de finalizar faz-se necessário esclarecer que o Rio Grande do Sul é o único Estado do Brasil que conta com um movimento tradicionalista, com cerca de duzentos centros espalhados desde a Capital até os mais longínquos rincões, aplicados ao cultivo e à manutenção das tradições gaúchas.

É que nosso Estado, típico Estado de imigração até o presente, no decurso de seus dois séculos de história recebeu muitas correntes étnicas que não a portuguesa, especialmente de africanos (1737), de alemães (1824) e de italianos (1875).

A linguagem gaúcha se apresenta tingida de vózes africanas, tais se, em ocultas, cambada, canga, canica, cocunda, empata, gambá, marimbando, matungo, moganga, milonga, mocotó, mondenço, piguê, punga e quibabe.

Os alemães nos deram o "Kerb", por exemplo, o jogo do bolão, o barzinho íntimo com o hábito da cerveja, o "Kasperletheater" (teatro de fantoches) e os "Haberer", tradição bávara com mais

Os negros não proporcionaram oportunidade e motivo para a lenda do Negrinho do Pastoreio, antes mencionada. Conservaram aqui a tradição da escultura popular em madeira. Mantém no Rio Grande do Sul, até agora, as suas danças rituais e "re-cre" cantadas em gêze-nagô, com tradição oral que conta mais de quatrocentos anos. E o auto popular das "congadas", também chamado "quicumbi" e "moçambique", já em processo de esfecelamento, mas que se refere a fatos e personagens históricos do século XVII, como a Rainha Ginga, de Angola.

de mil anos, extinta na Alemanha há meio século mas pujante em nossa Capital.

Dos italianos herdamos o jogo da bocha ("boccia"), os pratos de massa e, especialmente, o "galletto al primo canto". Trata-se de um gostosíssimo prato gaúcho, nascido em Porto Alegre entre 1940 e 1942, de inspiração vêneta, italiana portanto. Em apenas vinte anos o "galletto" tomou de assalto o Estado e já grande parte do Brasil. Hoje não se pode mais vir ao Rio Grande do Sul sem provar o churrasco e o "galletto".

Tôda essa gente, como dissemos em outra oportunidade, para aqui veio "suar, amar e morrer junto conosco", matizando fortemente a cultura gaúcha com sua contribuição original e enriquecendo-nos extraordinariamente.

Bibliografia

NICHOLS, Madaline Wallis:

- "The Gaucho -- Cattle Hunter. Cavalryman. Ideal of Romance". Duke University Press, Durham, North Caroline, 1942.
- "O Gaúcho — Caçador de Gado. Cavaleiro. Ideal de Romance". Tradução brasileira por Castilhos Golcochêa, Livraria Editora Zélio Valverde S.A., Rio de Janeiro, 1946.
- "El Gaucho". Tradução castelhana de Cristina Morales de Aparicio, Editora Peuser, Buenos Aires, 1953.

CONI, Emilio A.:

- "El Gaucho". Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1946.

RODRIGUES, José Ponório:

- "O Continente do Rio Grande". Edições S. José, Rio de Janeiro, 1954.

GOULART, Jorge Salis:

- "A Formação do Rio Grande do Sul", 2ª edição, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1933.

CESAR, Guilhermino:

- "História da Literatura do Rio Grande do Sul", capítulos I e II. Editora Globo, Porto Alegre, 1956.

LOPES NETO, João Simões:

- "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", Com prefácio de Augusto Meyer, posfácio de Carlos Reverbél e glossário por vários autores, edição crítica por Aurélio Buarque de Holanda, 5ª edição da Editora Globo, Porto Alegre, 1957.

MEYER, Augusto:

- "Guia do Folclore Gaúcho". Gráfica Editora Aurora Ltda., Rio de Janeiro, 1951.

CASCUDO, Luís de Câmara:

- "Dicionário do Folclore Brasileiro". Edição do Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1954.

RAMOS, Arthur:

- "O Folclore Negro do Brasil". Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1954.

Enderêço, para consulta e correspondência

Oficial: Carlos Galvão Krebs

Divisão de Cultura da Secretaria de Educação
Instituto de Tradições e Folclore
Edifício Lopes Dias - 11º andar
Rua Carlos Chagas
PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul, Brasil

Privado: Carlos Galvão Krebs

Rua Alvares Machado 314
PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul, Brasil



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DIVISÃO DE CULTURA

INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

RELATÓRIO DA COMISSÃO ENCARREGADA DE TRAÇAR DIRETRIZES PARA UM
PROGRAMA DE REGIONALISMO NAS ESCOLAS ESTADUAIS

I - Introdução

Em sugestão encaminhada ao Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura pela Superintendência do Ensino Rural, foi proposta a elaboração de um "Programa de Tradicionalismo" a ser cumprido pelas escolas do Estado.

Por esse motivo, aquele órgão técnico emitiu um parecer, datado de 29 de abril de 1957, no qual propôs a organização de uma "Comissão" para estudar o referido assunto.

Dando cumprimento à determinação posterior de S. Excelência o Sr. Secretário de Educação e Cultura, a Sra. Diretora do C.P.O.E., convocou elementos que, constituindo a Comissão proposta, se encarregassem de estudar os meios de estabelecer diretrizes para o programa sugerido.

Essa Comissão ficou assim constituída:

Dr. Carlos Galvão Krebs, pela Divisão de Cultura.

Professoras Sarah Azambuja Rolla e Lucinda M. Lorenzoni, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais.

Prof. Dr. Luiz José Fin, pela Superintendência do Ensino Rural.

Professoras Ida Paolini

Maria Gesta

Gilda Barbosa de Hain

Wanda Ordavaz Seadi, pela Superintendência de Educação Artística.

Professora Lênia Gaelzer, pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacionais.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE CULTURA

INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

II - Desenvolvimento dos trabalhos

Reunida a Comissão, pela primeira vez, em 15 de abril de 1958, deu-se início aos trabalhos.

A sessão de instalação compareceu a professora Alda Cardoso Kremer, Diretora do C.P.O.E.; nessa ocasião procurou apresentar os rumos gerais do estudo a ser realizado.

Para facilitar o trabalho, foi escolhida uma coordenadora, profª Sarah A. Rolla, um assessor para os trabalhos técnicos-científicos, Dr. Carlos Galvão Krebs, uma secretária, profª Lucinda M. Lorenzoni.

Nas doze reuniões da Comissão, cujo horário estabelecido foi o de 14 a 16 horas das sextas-feiras de cada semana, realizou-se o seguinte:

1. Estudos sobre assuntos sumariados a seguir:

- Objetivos gerais do trabalho.
- Conceituação dos termos folclore, regionalismo e tradicionalismo.
- As quatro capas culturais do tradicionalismo gaúcho.
- Direções do tradicionalismo na atualidade.
- As pesquisas sobre folclore e tradicionalismo.
- Da autenticidade e originalidade dos textos, músicas, danças, etc. folclóricas e regionais e a impossibilidade de correção ou adaptação dos mesmos.
- Da organização de bibliografia, material de consulta, mostras folclóricas ou de regionalismo, etc.
- Necessidade de reforma dos atuais programas das escolas primárias do Estado, tendo em vista a inclusão nos mesmos de aspectos folclóricos e regionalistas.
- Possibilidade de inclusão, no Curso de Formação de Professores, de uma unidade na qual fôsse considerados o folclore e o tradicionalismo nos seus vários aspectos.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE CULTURA

INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

- Necessidade de criação de um Instituto de Estudos Superiores, post-graduação, com a finalidade de preparar professores que possam organizar e dirigir os cursos específicos sobre o assunto em tela, sob seus múltiplos aspectos.

2. Visitas

- Visita ao Grupo Escolar "Otávio Rocha" com a finalidade de observar a atividade do G. Regionalista Mirim existente nessa escola.
- Visita à Divisão de Cultura, "Instituto de Tradições e Folclore", com o fim de assistir inauguração de uma mostra permanente de objetos de usos e costumes da vida do gaúcho. Observou-se, também, longamente, a mostra temporária sobre as quatro capas culturais que constituem o conteúdo do regionalismo riograndense do sul.

3. Crítica de Estatutos de Centro Regional Mirim sediado em Escola Primária.

III Parecer.

Dos estudos, pesquisas e discussões realizadas, resultou o seguinte parecer que a Comissão tem a honra de submeter à consideração de S. Excelência o Sr. Secretário de Educação e Cultura.

Conceituando "Folclore" como a ciência que estuda a sabedoria popular que corre paralela à ciência erudita, numa sociedade civilizada,

Regionalismo como as modificações acidentais de um mesmo fenômeno nacional ou universal ou ainda criação original da própria região, e

Tradicionalismo como movimento que visa reforçar o núcleo central de uma cultura (gaúcha no caso) que se opõe a influências externas, os centros de tradições gaúchas, num Estado como o Rio Grande do Sul, típico Estado de imigração, devem ter como uma de suas funções fundamentais o papel de foco aculturador, isto é, o de atrair para o seu reduto os elementos de origem estrangeira, de transmitir-lhes os fundamentos de nossa cultura regional, e de auxiliar inteligente e eficiente-



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE CULTURA

INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

mente a transformação desses alienígenas em autênticos gaúchos, tomando o adjetivo em sua acepção gentílica. Por outras palavras, devem ajudar os descendentes de imigrantes a encontrar meios para substituir seus padrões de cultura original pelos padrões de nossa cultura gaúcha. Fazer deles homens que saibam o que sabemos, que sintam o que sentimos, que queiram o que queremos. Pois é fato sabido e ressabido: o importante é o que se tem no coração, na inteligência dos fatos e na vontade comum. Principalmente o que se tem no coração.

O número de centros de tradições gaúchas vem crescendo vertiginosamente.

Ocorre entretanto um fenômeno inesperado. Se numericamente cresceu o movimento, não frutificou como substância; queremos expressar ~~que~~ que nossos tradicionalistas, salvo pequeníssimas exceções, permanecem nas exterioridades da indumentária, no folguêdo das danças típicas, no sabor dos churrascos, no pitoresco dos programas de rádio, nas páginas semanais dos periódicos nem sempre entregues a boas mãos e numa pletora de poemas de sub-literatura regional.

Foi tamanha a disseminação do tradicionalismo no Rio Grande do Sul que muitas escolas públicas do Estado vêm criando e solicitando diretorias para a criação de centros tradicionalistas "mirins".

Aí reside nossa esperança, sobretudo na criança da escola primária. Mas, para enculturá-la satisfatoriamente é imprescindível, uma reforma do professorado primário, o que implica uma adaptação, no currículo das Escolas Normais de modo a garantir a cada aluno um preparo mínimo em assuntos folclóricos e tradicionalistas. Daí resulta a necessidade de instituir o até agora inexistente Curso de Folclore, de nível superior, a fim de formar mestres para quase uma centena de escolas normais, públicas e privadas, existentes no Estado.

Ainda há outra dificuldade: no Rio Grande do Sul o problema se



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE CULTURA

INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

complica, pois a nossa demografia atual compreende quatro capas principais e todas elas importantes: a luso-brasileira, a negra, a alemã e a italiana. Ignorá-las não nos é mais possível. Nem podemos também "agauchar" a nossa população toda, omitindo a contribuição ponderabilíssima e tão diversa das culturas negras, da alemã e da italiana. Nem esquecer a carreira rápida que nos leva ao minifúndio e ao desaparecimento do tipo gaúcho tradicional.

Em face do exposto, parece-nos que o Rio Grande do Sul poderá resolver satisfatoriamente o problema do movimento tradicionalista nas escolas mediante a observância das seguintes medidas:

I Para uma solução de emergência:

A. Que o Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura da S.E.C. tome a seu cargo:

1. a organização da orientação escrita e ilustrada sobre os múltiplos aspectos do folclore e tradicionalismo, incluindo sugestões de motivos para estudo em escolas ou grupos interessados.

2. a manutenção de um centro de informações onde possam as citadas instituições buscar orientação autêntica sobre o assunto em foco, inclusive corrigindo falhas já existentes nesse campo.

3. a criação, na capital, de um corpo de orientação ^{dores} de tradicionalismo e folclore e a especialização, em cada Delegacia Regional de Ensino, de um orientador.

4. a organização de cursos de emergência ou de missões a cargo da Divisão de Cultura em cooperação com o C.P.O.E. que visem a preparação dos elementos que devem atuar junto às escolas e instituições interessadas pelo assunto. Os temas a serem discutidos nesses cursos deverão, tanto quanto possível, resultar do levantamento das reais dificuldades e interesses dos participantes.

II Para uma solução de longo alcance.

A. Criação de um Instituto de Estudos Superiores de Folclore e



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DIVISÃO DE CULTURA
INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE

Tradicionalismo com o fim de oferecer cursos de nível superior post-graduação.

B. Atribuição de carácter obrigatório à uma unidade de folclore na Divisão de Ciências Sociais no Departamento de Cultura Geral das Escolas Normais, com a duração de um semestre, em coordenação sistemática com as Divisões de Artes e Educação Física e ocasional~~mente~~ com as demais divisões.

C. Considerando, na Escola Primária, folclore e tradicionalismo não como uma instituição co-curricular, mas parte integrante e significativa dos planos de curso, sem constituir, entretanto, uma aprendizagem formal de ciência folclórica, mas devendo ser desenvolvida através de todas as disciplinas.

Considerações finais:

- I - Em face do exposto, julga a Comissão necessário o reestudo da dotação de verbas destinadas especificamente ao Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura, tendo em vista o acréscimo de suas atribuições como resultante da execução deste parecer.
- II - A Comissão solicita vênias para sugerir que, a bem da concretização do espírito que inspirou este trabalho, seja a orientação técnico-científica do mesmo entregue à responsabilidade do Sr. Dr. Carlos Galvão Krebs, atual diretor do Instituto de Tradições e Folclore, dado o seu profundo conhecimento da matéria.

Porto Alegre, 26 de novembro de 1958

(O original, assinado pela Comissão, está aprovado pelo Sr. Secretário de Educação e Cultura, Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, em 1º de dezembro de 1958.)